

TROCAS DE SABERES CRUZANDO O CONHECIMENTO CIENTÍFICO E O POPULAR NA CONSTRUÇÃO DE NOVAS PERSPECTIVAS REGIONAIS DE SUSTENTABILIDADE

Patrícia Vianna Bohrer¹, Alexandre José Diehl Krob², Andreas Kindel³

xankrob@curicaca.org.br, paboherer@curicaca.org.br, curicaca@curicaca.org.br

Oficina: EXPERIÊNCIAS DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL EM ÂMBITOS UNIVERSITARIOS

Resumo:

A ONG Curicaca desenvolve o programa *Ação Cultural de Criação Saberes e Fazeres da Mata Atlântica em cinco municípios do litoral norte do Rio Grande do Sul*. Um dos vetores da Ação consiste nos encontros de *Trocas de Saberes*, dirigidos para a comunidade escolar e o público local, que reúnem pessoas da comunidade que reconhecidamente detêm saberes e fazeres populares e pesquisadores, técnicos ou estudantes universitários que pesquisam na área. Tem como objetivos provocar o diálogo entre essas duas esferas do conhecimento, valorizando os patrimônios cultural imaterial e natural de forma associada, divulgando o conhecimento científico e criando condições para a conscientização, a autonomia, a participação das comunidades na valorização de seus recursos simbólicos e culturais.

Devemos pensar o problema do ensino, considerando, por um lado os efeitos cada vez mais graves da compartimentação dos saberes e da incapacidade de articula-los, uns aos outros; por um lado, considerando que a aptidão para contextualizar e integrar é uma qualidade fundamental da mente humana, que precisa ser desenvolvida, e não atrofiada.

Edgar Morin

A proposta da complexidade de Edgar Morin que busca religar o conhecimento é muito oportuna para o momento atual. É fato que vivemos uma cisão entre o conhecimento científico e tecnológico e os saberes das culturas múltiplas e coexistentes na dinâmica da pós-modernidade. A valorização dos saberes populares não significa perda de qualidade, estagnação ou a volta ao passado, mas, saber incorporar à evolução do conhecimento informações ricas de experiências de vida que são tão valiosas quanto as descobertas acadêmicas. Nosso grande desafio consiste não em acabar com a especialização do conhecimento, mesmo por que ela também é necessária,

¹ Artista plástica, Coordenadora de Educação Ambiental e Cultura do Instituto Curicaca: <http://www.curicaca.org.br>

² Agrônomo, Coordenador Técnico do Instituto Curicaca

³ Biólogo, Professor do Instituto de Biociências da Universidade Federal do Rio Grande do Sul

mas enfrentar o desafio de promover um pensamento mais sistêmico, complexo, aberto, capaz de conectar natureza e cultura; erudito, acadêmico e popular; presente e passado. Somente com uma reforma do pensamento e com ações que coloquem em prática essa conexão será possível reverter a suposta superioridade de um campo sobre o outro e estabelecer relações mais fecundas, capazes de responder aos desafios atuais. Para isso é necessário uma educação capaz de desencastelar e de articular os saberes dispersos e integrá-los na vida (MORIN, 2004) .

No Brasil, onde temos a criatividade como o elemento mais forte de nossa sobrevivência, é preciso promover a diversidade e o potencial de contribuição de cada cultura e a proteção do patrimônio imaterial. As formas de desenvolvimento sustentável que conseguem manter relações positivas com os conhecimentos e modos de vida tradicionais têm um papel importante na busca de saídas para estas questões. Pois tanto as pessoas ganham com a natureza preservada, quanto a natureza se beneficia numa comunidade com senso de identificação e de cultura fortalecidos.

O Instituto Curicaca atua desde 1997 com as populações de entorno das Unidades de Conservação da natureza localizadas na Mata Atlântica no Rio Grande do Sul, utilizando-se para isso do enfoque sistêmico proposto pela perspectiva do desenvolvimento sustentável. Nos projetos que lá desenvolve, busca incentivar o uso mais racional dos recursos naturais, criar condições para a conscientização, a autonomia, a participação das comunidades e a valorização de seus recursos simbólicos e culturais. Seu foco é promover o respeito aos processos ecológicos, a conservação da biodiversidade, a diversidade cultural, seus bens, expressões, práticas e saberes no bioma Mata Atlântica, religando essas duas dimensões do conhecimento humano que são a cultura e a natureza.

Dentre as diversas atividades que a ONG Curicaca realiza, mantêm um programa de Educação Ambiental e Cultura cujas atividades são transversais a todos os projetos desenvolvidos. Dentro deste programa, desenvolve uma metodologia própria de trabalho que permite difundir conhecimentos científicos, valorizar os conhecimentos da comunidade e criar oportunidades de interações transformadoras. Trata-se da “ação cultural de criação saberes a fazeres da Mata Atlântica”. Consiste em um conjunto de ações integradas que compreende: encontros nas UCs com crianças e professores, nos quais são realizadas vivências na natureza, trilhas interpretativas, atividades lúdicas e de sensibilização, apreensão de temas ecológicos por meio de jogos e instrumental interativo e a qualificação de professores através de cursos e ação educativa.

Um segmento importante dentro da Ação são encontros de Troca de Saberes entre comunidade local e comunidade científica - estudantes, técnicos e pesquisadores. Estes encontros têm permitido momentos ricos de diálogo, no qual pesquisadores estão tornando acessível o conhecimento gerado sobre a região e pessoas que reconhecidamente detêm os

saberes populares estão sendo valorizadas quando todos os participantes são colocados sob as mesmas condições e importância. O patrimônio cultural imaterial é particularmente vulnerável uma vez que está em constante mutação e depende de seus portadores, das condições econômicas, culturais e ambientais de cada situação. Uma das formas mais eficazes de salvaguardar esse patrimônio é elucidar a noção de patrimônio cultural de cada comunidade, o que é ainda um entendimento incerto e difuso e, então, criar condições para que seus portadores possam transmiti-lo às novas gerações.

A idéia mais cristalizada de patrimônio refere-se aos produtos e expressões do passado, vinculados à história oficial, à história das classes dominantes, transmitidos como herança de geração em geração. A noção de patrimônio surgiu com o processo de formação dos Estados Nacionais, como instrumento ideológico de formação das identidades nacionais. A partir daí, a função do patrimônio sempre esteve ligada a noção de identidade coletiva no sentido de garantir às pessoas a preservação de tudo aquilo que é atribuído determinado valor e que melhor lhes representa, assegurando-lhes a memória, a permanência e o status de cultura. Esta noção concebe que todos aqueles que compartilham de um mesmo referencial simbólico e de um mesmo território, identificam-se mutuamente, relação construída entre os objetos e aquilo que representam, embora, muitas vezes, lidem com valores e significados distintos. O risco dessa visão é que a cultura passou, em muitos casos a ser sacralizada, exigindo uma atitude contemplativa e distante, e sendo associada a algo que deve ser preservado e reproduzido de forma fixa e de certa forma imperativo, sem considerar as transformações e diferenças naturais de um processo que é humano.

No entanto, o conceito de cultura, assim como muitas outras referências da modernidade se modificaram. O multiculturalismo estabelece um novo arranjo entre as culturas nesse campo de lutas e de poder, criam-se complexas relações de cruzamentos, intersecções, combinações, superposições e subordinações.

Nesse contexto houve também uma evolução no conceito de Patrimônio, que inclui o presente, não só o passado, as manifestações da cultura popular, não só da cultura erudita e o patrimônio natural, compreendendo a fauna e as reservas ambientais. Consideram-se como bens suscetíveis de preservação e registro, elementos culturais que são, ao mesmo tempo, particulares e universais, singulares e capazes de sensibilizar a diferentes identidades. O reconhecimento do bem material vai além do objeto em si, objetos, obras e prédios, envolve toda a produção humana individual ou coletiva que tenha significado para a nossa e para as outras gerações. Assim, subdividiu-se em Patrimônio Cultural Material e Patrimônio Cultural Imaterial. O primeiro corresponde a bens imóveis como os núcleos urbanos, sítios arqueológicos e paisagísticos e bens individuais; e móveis como coleções arqueológicas, acervos museológicos, documentais, bibliográficos, arquivísticos, videográficos, fotográficos e cinematográficos. O segundo, é

constituído por práticas, representações, expressões, saberes e fazeres – assim como instrumentos, objetos, artefatos e espaços culturais que lhes são associados – que comunidades, grupos e, quando for o caso, indivíduos reconhecem como parte de sua herança cultural⁴. Esse patrimônio imaterial, transmitido de geração em geração, é constantemente recriado por comunidades e grupos em resposta a seu meio-ambiente, sua interação com a natureza e suas condições históricas de existência, e lhes proporciona um sentido de identidade e continuidade, promovendo assim o respeito pela diversidade cultural e pela criatividade humana. É, enfim, tudo aquilo que toca o coração ou que tem um sentido especial, considerado como um valor coletivo a ponto de despertar um desejo de transmissão para as gerações futuras (LONDRES, 2004). Um aspecto essencial na sua compreensão é que ele, assim como a cultura, é um processo vivo e dinâmico. Por isso, as ações sobre o patrimônio imaterial correspondem muito mais a identificação, reconhecimento, acompanhamento, valorização, revitalização, documentação e a defesa de direitos do que a guarda e imutabilidade, não sendo permitido nenhum tipo de intervenção que altere o curso natural de sua transformação. Trata-se, pois, muito mais de recompor e negociar com o passado, incluindo a criação cultural do que a sua repetição passiva.

Com essa nova visão sobre o patrimônio, ampliam-se as possibilidades de reconhecimento de práticas culturais antes desconsideradas, de modo que, a ação patrimonial passa a ter caráter político como meio de transformação social, através de instrumentos e estratégias que promovem a apropriação do passado, restabelecem conexões perdidas e provocam a afetividade e a auto-estima de grupos da sociedade.

Nesse enfoque, não é só o conceito de patrimônio que se amplia, mas também as formas de promoção e de interface com o público, que perde a posição estática de neutralidade e contemplação passiva. A transdisciplinaridade, a interatividade, a abertura para vivências da sensibilidade e dos sentidos abrem novas perspectivas no trato das questões patrimoniais. O contato com o passado e com outras culturas, através de novos recursos museológicos e de ações pedagógicas, incorpora uma abordagem muito mais complexa e emocional do que simplesmente histórica e cognitiva, buscando-se uma visão mais global dos fenômenos, a partir da combinação dos conhecimentos.

Recentemente, com a aprovação do projeto Microcorredores Ecológicos de Itapeva, financiado pelo Ministério do Meio Ambiente, que aborda a educação ambiental e patrimonial e o desenvolvimento sustentável, tivemos a oportunidade de realizar um diagnóstico sobre o patrimônio imaterial em toda região de Itapeva, litoral Norte do Rio Grande do Sul, que é abrangida pelo projeto. O diagnóstico foi realizado com o apoio de moradores locais, que reconheceram, identificaram e indicaram aqueles valores culturais que lhes são mais caros, através de uma oficina de planejamento colaborativo. Em seguida, foram realizadas entrevistas de

⁴ Ver a definição do IPHAN no site <http://portal.iphan.gov.br>

campo com as pessoas que reconhecidamente detêm esses saberes, analisando-se o surgimento, a história e a trajetória; adaptações ou transformações promovidas pelo tempo, pela interferência de processos culturais, sociais ou econômicos; outros bens e práticas culturais que lhes são associados; contexto ambiental; a rede de atores e relações sociais que propiciam sua existência, seguindo as orientações do registro oficial: Fichas para os Saberes, as Celebrações, as Formas de Expressão e os Lugares.

A região de Itapeva possui grande importância pela sua biodiversidade e seu valor cultural, histórico e arqueológico. Foi na pré-história ocupada por populações sambaquianas e, mais tarde, por índios guaranis e kaingang. A partir do século XVIII recebeu colonização açoriana, seguida da alemã, teve forte influência do tropeirismo e de escravos negros. Foi designada pelo naturalista Padre Rambo como a “Porta de Torres”, local de grande riqueza em biodiversidade tropical encontrando-se com a biodiversidade pampeana. O patrimônio cultural imaterial é imenso, expresso nos saberes, fazeres e falares sobre o comportamento de animais, plantas e ecossistemas, como explorar sustentavelmente os recursos naturais, fazer artesanato com fibras, cozinhar pratos típicos, produzir farinhas de raízes e grãos, construir e funcionar engenhos, e ainda lendas, músicas, festas e comemorações. Por tudo isso, hoje a região de Itapeva é uma zona núcleo da Reserva da Biosfera da Mata Atlântica, espaço territorial reconhecido internacionalmente pela UNESCO.

Com essa importância, a área tem sido objeto de inúmeros estudos de biologia, arqueologia e história. O Centro de Ecologia da UFRGS, por exemplo, realiza pesquisas ali há cerca de quinze anos, promovendo grande movimento de pesquisadores e estudantes. Essa presença e a quantidade de trabalhos científicos gerados começaram a inquietar os moradores locais, escolas, ongs, prefeituras, secretarias municipais de educação, órgãos extensão rural e de fiscalização e controle, que buscam saber o que estaria sendo realizado pela universidade e ter acesso aos resultados - pesquisas e publicações. Essa inquietação surgiu também no meio acadêmico, onde alguns alunos que realizavam pesquisas, bem como professores orientadores, começaram a sentir uma grande necessidade de garantir que os resultados de seus trabalhos chegassem de fato à comunidade, saindo do âmbito acadêmico onde ficam restritos às bibliotecas, gabinetes, laboratórios e salas de aula.

Ao longo desse período também veio se consolidando a atuação da ONG Curicaca em políticas públicas que afetam a gestão ambiental e cultural daquela região. Com a criação do Parque Estadual de Itapeva esses interesses convergiram para uma cooperação interinstitucional. A partir daí, a cooperação assumiu a forma de ações diretas junto à comunidade local, visando promover uma relação positiva entre esta e a Unidade de Conservação recém criada. Na Universidade Federal do Rio Grande do Sul criou-se um programa de extensão que chamamos:

Áreas Protegidas da Mata Atlântica como Espaços de Trocas de Saberes entre a Universidade e a Comunidade Local.

Com os subsídios das pesquisas acadêmicas e do diagnóstico da região proveniente do projeto Microcorredores Ecológicos, a partir de 2006 fortaleceram-se os encontros das Trocas de Saberes, nos cinco municípios da região – Torres, Arroio do Sal, Dom Pedro de Alcântara e Mampituba.

Os encontros de *Trocas de Saberes* da região de Itapeva são dirigidos para a comunidade residente no entorno de Unidades de Conservação e nos corredores ecológicos entre estas. As trocas reúnem pessoas da comunidade que reconhecidamente detêm saberes e fazeres populares e pesquisadores, técnicos ou estudantes universitários que trabalham na região. Tem como objetivos provocar o diálogo entre essas duas esferas do conhecimento, valorizando os conhecimentos das populações locais, divulgando o conhecimento científico, fortalecendo o significado do patrimônio imaterial e do patrimônio natural de forma associada, e criando condições para conscientização, autonomia e participação das comunidades na valorização de seus recursos simbólicos e culturais. Buscam especialmente fortalecer a relação dos jovens com suas heranças culturais, percebendo suas responsabilidades quanto à preservação e continuidade desse patrimônio, num processo ativo de reconhecimento e apropriação de valores, de identificação e vivência da cidadania.

Para motivar os jovens a se interessarem pelos saberes e fazeres da comunidade promove-se o envolvimento das escolas, alunos e professores, na pesquisa dos temas trabalhados e na participação durante os eventos garantindo a aproximação desse público e o diálogo entre as gerações. Além disso, a opção pela mediação nas trocas, busca valorizar esse diálogo ao provocar e oferecer a palavra também ao público jovem. Da mesma forma, para estimular novas pesquisas no âmbito acadêmico, mantemos uma forte relação com estudantes de universidades que atuam na região, buscando envolvê-los no processo, valorizando e estimulando que produzam novos estudos.

Como são grandes as distancias entre uma localidade e outra na região, as atividades são realizadas de forma itinerante, incorporando espaços existentes na comunidade que se destacam por seus aspectos culturais e contando com o apoio e a participação da população interessada no seu patrimônio vivo, tanto natural quanto cultural, material ou imaterial. É o caso dos engenhos ou tafonas de farinha, fazendas, salões comunitários e parques naturais ou de eventos que mobilizam as comunidades como feiras, festas e simpósios. Buscamos a aproximação com os portadores dos saberes e com os lugares de memória e de interesse das comunidades, estimulando a preservação desses bens. Persegue-se assim os princípios da ecomuseologia, uma nova pedagogia ecológica que concilia espaço, cultura e população no contexto contemporâneo. Nessa forma de interface com as populações, os museus ocupam áreas

próximas a parques naturais, combinando o museu ao ar livre e os centros de informação ou espaços locais.

Já realizamos Trocas de Saberes sobre a contação de “causos” na Fazenda Caramuru em Arroio do Sal, sobre os engenhos e a produção de farinha, na Tafona do Beto em Torres, sobre a Mata Atlântica no Festival de Balonismo, Torres e no Parque Estadual Tupancy em Arroio do Sal, sobre a Educação Patrimonial em Unidades de Conservação no Parque Estadual de Itapeva, sobre a Arqueologia na região de Itapeva, na Festa do Marreco em Torres, sobre o Artesanato com fibras naturais na Feira do Livro em Torres, sobre o Terno de Reis no XV Simpósio sobre a Cultura Alemã em Dom Pedro de Alcântara e no Salão Comunitário da Localidade de São Brás em Torres, sobre o Sistema Agro-florestal na Propriedade do Sr. Antônio Model em Morrinhos do Sul e outras.

O público consiste de moradores das áreas rurais ou de pequenos aglomerados urbanos – localidades, vilas, povoados –, cujo acesso a informações e eventos culturais é bastante restrito. Inclui crianças e adolescentes em idade escolar, professores, adultos trabalhadores e terceira idade, o que permite o diálogo entre gerações. Sua participação tem sido crescente a medida que os eventos ganham significado na sociedade. O chamamento é feito por meio de reportagens em jornais locais e anúncios nas rádios e divulgação nas escolas próximas. Os resultados têm sido publicados no informativo semestral “O corredor ecológico”.

Percebe-se que na ação cultural a abordagem da interconexão entre os saberes científicos e populares tem sido uma forma das pessoas vivenciarem potencialidades criativas e reconstruírem identidades como agentes nos seus processos de vida. Com as Trocas, as pessoas por um momento mudam de posição, passam a dar e receber o que tem de melhor, seu conhecimento, sua experiência, com isso, rompem preconceitos introjetados, estabelecendo novos padrões de confiança e de auto-estima.

Por um lado levam as pessoas da comunidade a experimentar desafios, construindo um novo cenário, o de mostrar habilidades e inteligências no domínio de costumes, técnicas e práticas, quebrando uma “cultura do silêncio” como diria Paulo Freire. Há o reconhecimento da importância de suas práticas e de seus locais de manifestação e o estímulo a abrir suas propriedades para vivências.

Para o público escolar tem se mostrado uma experiência rica de aprendizagem expressa nas pesquisas e trabalhos de sala de aula. Professores, alunos e familiares são incentivados a contar histórias, lendas, poesias, mitos, músicas, rituais, festas e tradições sobre a região, a divulgar conhecimentos próprios sobre a utilização de produtos da floresta para a confecção de objetos utilitários, de decoração e lazer, ou sobre formas de cozinhar, pescar, plantar e criar adequadas à conservação do ambiente. Estes conhecimentos são trazidos para as Trocas de Saberes fortalecendo processos de identificação e cidadania.

Para os pesquisadores, técnicos e estudantes, tem se mostrado uma oportunidade de sensibilizar a comunidade científica para difundir o conhecimento acadêmico e torná-lo mais acessível às comunidades locais e de reconhecer os saberes populares como elementos importantes a serem incorporados no processo acadêmico de produção de novos conhecimentos.

Entre os resultados obtidos, destaque-se a revitalização do Terno de Reis, manifestação que estava obscurecida; o interesse de alunos e professores pelo Patrimônio Cultural Imaterial, até então imperceptível nas escolas; a inclusão da visitação à Tafona de Farinha no roteiro semestral de disciplina de graduação do Curso de Biologia da UFRGS; o fortalecimento local do significado do artesanato com fibras naturais e a organização das artesãs; a elevação da auto-estima dos portadores dos saberes e sua motivação em continuar transmitindo seus conhecimentos às gerações futuras; o estímulo a pesquisadores locais no aprofundamento de suas pesquisas e divulgação de seus resultados na comunidade e a ampliação nos jovens de uma consciência crítica na identificação e na escolha de seus valores culturais. As Trocas de Saberes como um ação educativa voltada para os bens culturais de natureza imaterial tem se mostrado um instrumento importante no sentido de criar condições de salvaguarda, atuando nas condições sociais e materiais de transmissão e de reprodução que possibilitam a existência desses bens.

Conclui-se que a oportunidade de troca de conhecimentos entre esses dois grupos é vital para que novos resultados integradores possam ser alcançados, onde cada parte do processo seja reconhecida, uma maior credibilidade nos resultados seja gerada em ambos os grupos e uma maior eficácia de transformação da realidade possa surgir de sua aplicação no mundo real. Nutrir tanto o passado quanto o presente na troca entre saberes e fazeres pode apresentar-se como uma chave para a descoberta do novo, dentro de um paradigma de desenvolvimento ético e sustentável que tanto precisamos.

Referências Bibliográficas

IPHAN (Org.). **Patrimônio Imaterial.** Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/portal/montarPaginaSecao.do?id=10852&retorno=paginalphan>>.

Acesso em: 31 ago. 2009.

BRASIL, Constituição (1988). **Decreto 3.551** de 04 de agosto de 2000. Disponível em: <http://www.iphan.gov.br/legislac/decreto3551.htm>. Acesso em: 30 ago. 2009.

LONDRES, Cecília. Patrimônio e performance: uma relação interessante, In: TEIXEIRA, João Gabriel L.C., et al (org). **Patrimônio Imaterial, performance cultural e (re)tradicionalização.** Brasília: ICS- Unb, 2004.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem feita: repensar a reforma, reformar o pensamento.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004, 128 p.